

Dívida cresce quando real se desvaloriza

Vivian Oswald

• BRASÍLIA. A dívida líquida total do Tesouro fechou o mês de maio em R\$ 258,72 bilhões, ou 22,6%, mantendo-se praticamente estável em relação a abril, quando ficou em R\$ 256,27 bilhões e nos mesmos 22,6% do PIB. Embora a trajetória dessa dívida não tenha variado tanto, a sua composição mudou muito. O endividamento do país em dólar está cada vez maior. Enquanto a dívida interna caiu de R\$ 97,74 bilhões em abril para R\$ 84,96 bilhões em maio, a externa cresceu cerca de R\$ 31 bilhões.

A participação de títulos públicos corrigidos pelo dólar na dívida interna também cresceu. Passou para 6,3% do total em maio, contra 5,9% em abril. Os papéis prefixados, por sua vez, vêm perdendo espaço na dívida mobiliária federal. Caíram de 15,7% em abril para 14,7% no mês passado. Em maio de 2000, estava em 14,8%.

O governo está pagando cada vez mais caro pelo clima negativo provocado pelas crises argentina e energética. Com a alta do dólar e o aumento da taxa básica de juros (Selic) em três pontos percentuais desde março, o custo médio da dívida mobiliária (em títulos) do Tesouro Nacional — a taxa de juros que o Tesouro tem que pagar para rolar seus papéis — chegou a 24,6% ao ano. Este é o valor mais alto desde agosto de 1999, quando o governo tinha que pagar 44% ao ano para rolar sua dívida em títulos.

A desvalorização do real foi um dos principais motivos do aumento desse custo. De janeiro a maio, a moeda americana teve sua cotação elevada em 20%. Nesse mesmo período, a dívida externa do Tesouro passou de R\$ 142,27 bilhões em janeiro para R\$ 173,75 bilhões em maio, ou seja, pouco mais de R\$ 31 bilhões.